



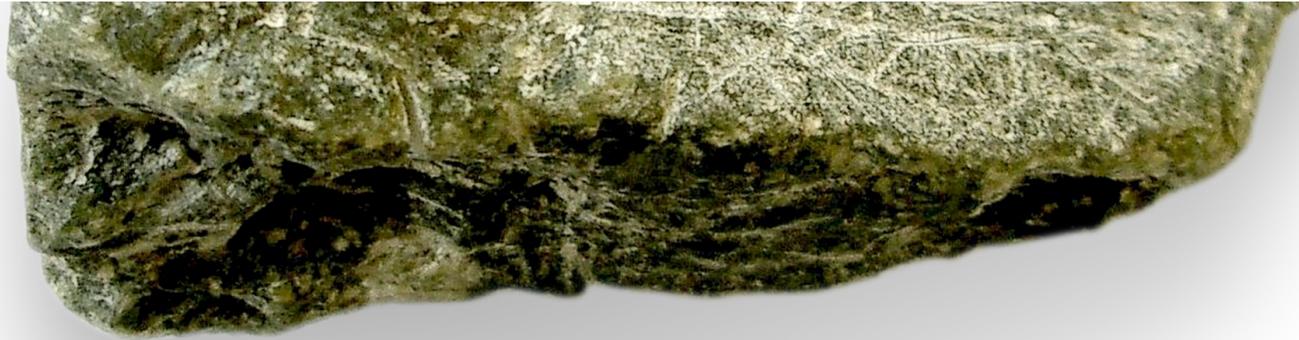
PEDRAS
documentos

P3

PEDAGOGIA



LER O "ESCUTISMO PARA RAPAZES"



LER O "ESCUTISMO PARA RAPAZES"

PREFÁCIO

MANUEL FARIA (JULHO 1954)

Publicou, há já alguns anos, a revista "Jamboree", numa série de números, um conjunto de sugestões ocorridas ao seu editor, Mr. E. E. Reynolds, J. P., numa das periódicas leituras do livro do Fundador, "Escutismo para rapazes", que desde há pouco, de novo, circula entre nós, na nossa língua.

Certamente que para alguns Chefes, esta será a primeira oportunidade de o lerem e dele tomarem conhecimento. Ao fazerem-no, sem dúvida, ocorrer-lhe-ão muitas sugestões, mas não deixará de ser interessante e provavelmente muito útil ver como um Chefe, que, há muitos anos, pessoalmente, dirige Grupos de rapazes, acha que tal livro pode ser utilizado.

Tais sugestões, aproveitadas até onde for possível, serão umas vezes um simples comentário, outras uma ideia para aplicação prática ou uma sugestão a desenvolver. De qualquer modo não deixará de ser uma valiosa introdução ao aproveitamento de um livro esperado, há bastantes anos, por quase todos.

O presente texto foi actualizado quanto às presentes nomenclaturas vigentes no Corpo Nacional de Escutas para as Unidades, Subunidades e Sistema de progresso. No que se refere às crianças e jovens, o texto refere sempre "rapazes", porquanto não existia coeducação no Escutismo ao momento da sua redacção; no presente, deve entender-se sempre esta menção como referente a crianças e jovens de ambos os sexos.



A ARTE DO EXPLORADOR

1^o As quatro Palestras deste capítulo servem para abrir o apetite; são capazes de despertar suficientemente o interesse dos rapazes para que desejem fazer-se Escuteiros e pôr em prática o que se diz no resto do livro. Esta forma de entrar no assunto tem importância e além disso é a que melhores resultados dá. Não podemos partir do princípio de que os rapazes, menos ainda os adultos, sabem o que é o Escutismo – temos que lho dizer e despertar o seu interesse. Não acreditamos nas grandes campanhas de publicidade, em exibições, a experiência prova, antes, que tanto os rapazes como os homens são atraídos por meio da acção pessoal e pela explicação de indivíduo (você e eu) para indivíduo.

Podem-se gastar enormes somas de dinheiro em propagan-

da para se obterem resultados irrisórios; é de mais trabalho missionário individual que nós precisamos, não de cartazes, folhetos, filmes, etc., etc. Poupe o dinheiro para o acampamento, equipamento de actividades e outros fins úteis.



2º O livro de R. Kipling, Kim, contém muito mais que o Jogo de Kim. Este livro é talvez a obra principal do seu autor e é pena que os Chefes o não conheçam a fundo. O livro revela muitas formas de desenvolver o espírito observador e de fazer deduções. Talvez que os adultos o não leiam por pensarem que é um livro para rapazes; na realidade parece que não são muitos os que o apreciam, exactamente porque não foi escrito para eles. DO livro Kim podem-se tirar uma série de contos para narrar nos fogos de conselho (em campo ou na sede). Devia-se fazer mais uso dele.

3º Também o mesmo com a história do cerco de Mafeking. É pena que o próprio B.P. nunca tenha querido escrever a história completa do cerco. Os pontos para que se deve chamar a atenção são a iniciativa e o espírito inventivo revelados – as formas que utilizava para conservar bem-dispostas as pessoas, métodos de conseguir informações do inimigo, etc. Vale a pena contar esta história porque mostra claramente o carácter do nosso Fundador, e à medida que os anos passam desde a sua morte, mais necessário se torna procurar revelar

a sua personalidade aos rapazes, para quem ele é pouco mais que um nome e um retrato na parede da sede. Fazem os Chefes, neste ponto, tudo o que está ao alcance?



4º Esta palestra é um pequeno resumo das actividades, uma espécie de sinopse de todo o livro. Sugere-nos a ideia de mantermos equilibrados os nossos programas. Repare-se nos títulos:

- Viver ao ar livre;
- História natural;
- Cavalaria;
- Salvamentos;
- Resistência;
- Amor da Pátria.

De tempos a tempos devemos olhar para os nossos programas, digamos dos últimos seis meses, e perguntar a nós mesmos: “tem o nosso Expedição/Comunidade incluído nas suas actividades alguma coisa de cada um destes tópicos?”. E também: “que aspecto do Escutismo temos ultimamente esquecido?”. Fazer balanço é um exercício útil, e esta Palestra fornece-nos o material para rapidamente o fazermos.

5º Outra ideia que sugere esta Palestra: sabem os vossos Escuteiros a história do Crime de Eldson? Leve-os a eles mesmos a transformarem-na numa pequena representação – faça disso uma competição entre as Patrulhas. Procure certificar-se que eles compreendem as qualidades escutistas reveladas por Roberto Hindmarsh.



6º Aqui está outro apanhado – desta vez é o próprio plano do sistema. Convém ter presente um certo número de coisas. Apontam-se algumas perguntas que, a nós próprios, devemos fazer de vez em quando:

- a) Durante o último mês quantas vezes se fez referência à Promessa e Lei, nas reuniões do Grupo? Não queremos dizer que se esteja constantemente a importunar o rapaz, mas é de admirar como é fácil partir da hipótese que temos bem presentes no espírito a Promessa e Lei, e a maior parte de nós precisa de a poder lembrar aos Escuteiros, sempre que se ofereça uma oportunidade.
- b) Os nossos escuteiros saberão o significado da Divisa e do Distintivo Escutista? Detalhes como o significado do listão fascina sempre os rapazes – foi por isso que B.P. lá os pôs.
- c) Nós animaremos os nossos Escuteiros, pelo nosso

exemplo, a empregar o Sinal Escutista quando se encontra um irmão Escuteiro na rua?

- d) Como é que nos certificamos de que um Aspirante compreende a Promessa e a Lei, tanto quanto lho permite a idade?
- e) A última vez que nos preocupamos que um Aspirante compreenda a Promessa e a Lei é quando faz a sua Promessa? Ou temos o cuidado, à medida que ele se desenvolve, também cresça a sua compreensão de ambas?
- f) Tornaremos bem claro a cada Aspirante ou Noviço, e a cada Explorador/Pioneiro, que cada um deve procurar completar a 3.ª Etapa de Progresso?
- g) Os nossos Escuteiros saberão todas as explicações interessantes que B.P. dá sobre o uniforme escutista?
- h) Seremos bastante exigentes sobre a correcção e limpeza do uso do uniforme? Discutamos este assunto com os Guias de Patrulha/Equipa.

7º Não restam dúvidas de que o uso da vara tem diminuído nos últimos anos. Poucas coisas entristeciam mais B.P. do que ver Escuteiros sem varas. Uma série de utilidades da vara é dada para o fim desta palestra. Quantas delas são familiares aos nossos rapazes? Uma vez que vejam como é útil e prática a vara, os Escuteiros terão mais interesse por ela. Tem-se notado que em geral os Aspirantes arranjam uma vara logo que podem; eles consideram-na uma peça do equipamento do Escuteiro. Se porém ela nunca é utilizada na Expedição/Comunidade, depressa a esquecerão.



8º Uma parte desta palestra está acima da compreensão do Aspirante. Contudo os primeiros títulos são de importância.

Existem Expedições e Comunidades que têm impressa e encaixilhada a passagem "Uma Palavra aos Guias de Patrulha/Equipa" para que seja uma constante recomendação (não apenas para os Guias, mas também para os Chefes!). Esta parte tem ainda outra utilidade, que é oferecer assunto para uma discussão no Conselho de Guias, uma vez cada ano. E oferece bastante assunto.

9º Os Aspirantes vibram sempre com o emprego dos nomes das Patrulhas/Equipas, sinais e gritos. Aqui, outra vez, está uma coisa que estamos inclinados, talvez, a descurar. Cada uma das suas Patrulhas/Equipas já tem uma divisa? Sabe cada Escuteiro empregar o grito da sua Patrulha/Equipa?

10º Os sinais de pista sugerem imediatamente a prática de seguir pistas marcadas desta maneira. Cada Patrulha/Equipa deve competir com outra, deixando cada uma tantos sinais, em dado percurso, para a outra seguir. Os Aspirantes devem, é claro, ser instruídos pelos outros Escuteiros das suas Patrulhas/Equipas. Faz-se isto na sua Expedição/Comunidade? Ou deixam-se ir aprendendo como cada um pode?

11º Como chegamos ao fim do capítulo, acrescentam-se um certo número de ideias para actividades e jogos. Destes, quantos utilizou recentemente o Grupo? Aqui recomendam-se representações; no livro, Kim serão encontrados bons assuntos. Note, também, a sugerida imitação de julgamentos sobre a história do Crime de Eldson.

12º Em certa altura o coro do Ine-gò-nia-ma era bem conhecido entre Escuteiros. Sabem-nos os seus rapazes? Se for feito com solenidade adequada, pode ser muito sugestivo, especialmente ao ar livre, aproximando-se do fogo do conselho, uma Patrulha/Equipa vinda de certa distância.



13º Repare-se no método que B.P. emprega abordar um assunto – temos aqui uma útil indicação. Começa por nos apresentar figuras de zulos, patagónios, um caçador do Canadá e um colono sul-africano. Deste modo, com exemplos da vida real, ele chega à ideia de cada um saber tratar de si; depois disto entra nos meios práticos de cada um se adestrar com tal fim. Ou, para dizer de outra forma, primeiro diz ao Escuteiro porque deve desejar fazer qualquer coisa, antes de explicar como fazer. Temos a certeza que os nossos Escuteiros compreendem, por exemplo, porque se lhes pede para serem suficientemente competentes para progredir? Saber o porquê é a condição do interesse, à parte da questão de compreender.

14º E assim B.P. principia com “Exploração” e põe primeiro a ideia de encontrar o seu caminho sem ter necessidade de recorrer a ninguém. Note-se outra vez a sua habilidade – apresenta a leitura de cartas como uma espécie de competição; não apenas a questão de aprender os sinais convencionais, mas como fazer um jogo – aprender a seguir um caminho sem procurar informações.

15º As explicações dadas como uma introdução à leitura de cartas são muito simples. Isto torna-se essencial para os Escuteiros novos. Mesmo a ideia de fazer a planta de uma sala não é fácil para alguns deles. Deve-se também ensinar como utilizar a bússola, a princípio com uma bússola simples; quando os Escuteiros crescerem um pouco mais (depende muito da sua inteligência, que nós devemos avaliar) apreciarão o emprego de instrumentos mais complicados. Mas aqui o que devemos tomar em conta é que se deve progredir por pequenos avanços; algumas ideias – por exemplo, o norte magnético – não são rapidamente compreendidas, e por isso temos de ajustar a nossa instrução ao nível da mentalidade dos rapazes. Os Chefes devem justamente fazer compreender os seus Guias de Patrulha/Equipa este ponto.

16º Esboço de cartas é um assunto escutista importante. Mas de novo devemos principiar por coisas simples; repare nas palavras: “não precisa de ser perfeito”. Um bom começo é um bom começo de carta que mostre o caminho que o Escuteiro percorre de sua casa à Base/Abrigo.

17º O título sobre “o objectivo da expedição” é cheio de sugestões, todas podendo desenvolver-se em atractivo Escutismo. Repare que aqui B.P. oferece para (a) uma Patrulha/Equipa de cidade, e (b) uma Patrulha/Equipa /Equipa do campo, tendo em conta que cada uma vai explorar um meio diferente do seu. Note também que ele diz “Patrulha/

Equipa”, não “Expedição/Comunidade” e isto não é por acaso. Depois vem a lembrança da boa acção diária.

18º O título sobre “Montanhismo” não deve ser passado à frente, especialmente por aqueles que não vivem perto das montanhas. Os Escuteiros podem praticar o emprego de cordas para escaladas, aprendendo os nós que devem usar; em verdade há alguns Escuteiros que têm feito montanhismo-de-telhados! Se uma Expedição/Comunidade vive numa grande cidade ou numa região plana, deverá acampar nas montanhas ou colinas; o montanhismo verdadeiro não deve ser empreendido sem a orientação de um perito; por isso, em muitos países, organizam-se cursos de montanhismo para Escuteiros e os mais velhos consideram-se felizes quando recebem tal instrução. Quem puder ir até à Suíça pode, como os que vivem perto, frequentar os cursos de Kandersteg onde existe o Chalet Alpino dos Escuteiros.

19º “Patrulhamento”. Encorajemos esta espécie de evoluções? Práticas desta natureza podem ser deveras interessantes e têm a sua aplicação nos grandes jogos.

20º “Serviços Nocturnos”. Provavelmente a maioria dos Chefes conhece o progresso de simular a noite usando mascarilhas de pano (por vezes, o efeito é estragado pelo emprego de tecido demasiado espesso). É claro que o verdadeiro interesse está na noite; B.P. era muito hábil em escutismo nocturno e incluiu-o como parte do programa no acampamento da ilha de Brownsea, em 1907.

21º “Descobrimo o Caminho”. Repare-se como a instrução nesta palestra é dada gradualmente. Depois de ter falado sobre a bússola, um pouco antes na palestra, B.P. mudou para outros assuntos por momentos; agora volta a mais empregos da bússola e, adiante, da utilização das estrelas. O conhecimento das estrelas não está tão espalhado,

entre os Escuteiros, como devia estar. Em parte isto pode ser devido a não se entrar no assunto de forma bastante simples – arranja-se um livro sobre astronomia e imediatamente nos embrenhamos nas suas profundezas. Se o Chefe aprende com os seus Guias de Patrulha/Equipa a identificar meia dúzia de constelações, isto já é um bom começo. Os que ficarem interessados, depressa quererão avançar mais; então podemos chamar um perito para ensinar mais profundamente estes dois ou três Escuteiros. O ponto é que, como disse uma vez B.P., o Chefe saiba despertar o interesse, e depois consiga o especialista para ensinar aqueles cujo interesse foi despertado.

22^o Esta palestra é tão cheia de ideias, para não dizer nada das práticas e jogos sugeridos no fim, que fornece material para dúzias de actividades escutistas. Faça uma lista daquelas que o seu Grupo não tenha praticado ultimamente – ou mesmo nunca.



23^o Embora estes sejam, em certo grau, uma espécie de especialistas do Escutismo, dependendo de facilidades, é importante que não esqueçamos que todos os Escuteiros devem aprender a nadar e, separa isso tiverem uma oportunidade, aprender a manobrar um barco, etc. Parece que existe a ideia de que apenas a os Escuteiros marítimos têm que lidar com barcos; no entanto, tal não era a ideia de B.P. Na

ilha de Brownsea, por exemplo, a caça à baleia (descrita no fim desta palestra) era uma actividade regular, e foi lembrada quarenta anos mais tarde por alguns dos que toaram parte neste acampamento, como uma das brincadeiras que mais apreciaram. Naturalmente é preciso tomar as necessárias precauções para segurança de vidas.

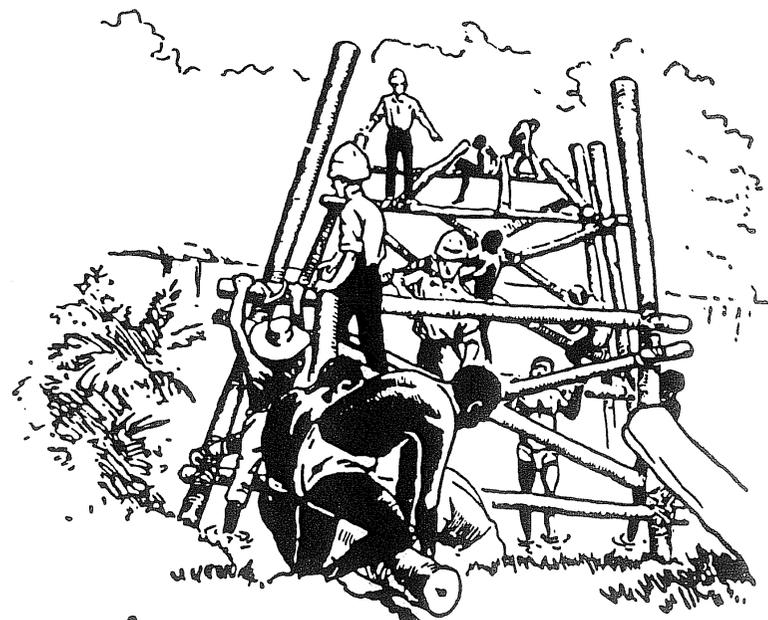


24^o Uma vez mais o assunto é abordado por meio de acontecimentos da vida real. Tenha-se em conta que sinalagem não significa apenas Homógrafo e Morse; que pensa de sinais de fumo e sinais com tambores ou bombos? Experimente-os.

25^o Sinais de mão são empregues por alguns Grupos; não existe uma lista oficial, mas alguns são largamente usados. Cada Grupo e Patrulha/Equipa pode inventar alguns para si – uma espécie de código secreto.

26^o Muito se tem discutido, pró e contra o Morse e Homógrafo! A utilidade não é o único argumento para uma actividade escutista. O desenvolvimento da inteligência e memória e a disciplina dos gestos e movimentos são igualmente importantes. Dê-se aos Escuteiros a oportunidade de utilizarem e apreciarem todas as espécies de sinalagem.

27^o Do jogo da corrida de estafetas, descrito no fim, resultará entusiasmo se for convenientemente organizado pelos Guias de Patrulha/Equipa. Eles cometem erros a princípio, mas depressa aprenderão, pela experiência, como conseguir que um jogo obtenha bom êxito; não haja a preocupação de muita correcção nem de evitar que cometam faltas.



CAMPISMO



28^o É cheia de sugestões esta palestra que contém material suficiente para muitos anos de Escutismo. Porque é importante, convém reparar outra vez na forma em que B.P. entra num assunto – imediatamente cria ambiente de romance do pioneiro real. Era-lhe possível recorrer às variadas experiências da sua vida, mas podemos utilizar também narrações de livros de exploradores e outros no género. O que inte-

ressa é lembrar que é preciso fazer alguma coisa e não apenas contar a história de um pioneiro e depois nada fazer nos meses seguintes ou até mesmo anos. Este cuidado de pôr em prática é o trabalho do Chefe; se os Guias de Patrulha/Equipa puderem obter a experiência, eles se encarregarão da sua aplicação prática com as suas Patrulhas/Equipas.

29^o Os nós são um bom exemplo de um assunto que facilmente se esquece. Saberão todos os Escuteiros porque é que são tão importantes os nós? B.P. dá exemplos da importância de se conhecer o nó que se deve empregar em cada caso; convém dar aos Escuteiros outros exemplos e depois demonstrar com cordas em condições reais. Por outras palavras, faça-se tudo como se fosse a sério; não tem utilidade fazer exercícios de nós com gaitas.

30^o Também há o perigo de que os Chefes se façam fanáticos dos nós; há livros com centenas de nós. Deixe-se ao Chefe, para sua distração fazê-los todos, mas que ele não perca o sentido das proporções e se ponha a incutir no rapaz a sua mania. Para a maior parte dos Escuteiros os nós que B.P. indica neste livro são suficientes. Há ainda outro perigo que é o do Chefe se deixar tentar a demonstrar a sua habilidade; por vezes encontram-se, até em campos-escola, instrutores que sentem mais gosto em demonstrar a sua perícia a fazer nós, do que em certificar-se que os assistentes sejam capazes de fazer bem os nós indispensáveis.

31^o A maior parte dos rapazes gosta de fazer cabanas e abrigos. Neste ponto as nossas possibilidades são por vezes limitadas pela falta de materiais, mas os acampamentos oferecem boas oportunidades (se pusermos cuidado na escolha dos respectivos locais) para este aspecto de trabalho de pioneiro. Aqui B.P. fornece uma série de ideias, mas repare-se que não indica todos os pormenores práticos

– contenta-se em esboçar a ideia e deixar os pormenores à imaginação do Escuteiro, que terá de os resolver na prática. O nosso método também deve ser este; não devemos instruir os rapazes em todos os detalhes, como numa escola técnica. Deixem-se experimentar as suas próprias ideias e aprender por experiência.

32^o Pode-se afirmar que, em geral, se usam as machadas com apreciável cuidado. Porém nem sempre isso acontece, por exemplo com machados que não são ferramentas de crianças. As Expedições/Comunidades devem possuir regras sobre a utilização dos machados, mas permitindo que os Escuteiros utilizem as machadas. O direito de usar uma machada torna-se um privilégio e dá ao rapaz um sentido de responsabilidade.

33^o A construção de pontes é outra oportunidade fascinante, que depende em larga medida dos materiais de que se dispõe. No entanto, é extraordinário o que se pode fazer com a simples vara de Escuteiro – lembro-me do modelo da Torre Eiffel que os Escuteiros franceses construíram no Jamboree de 1929 – e é aconselhável que se comece por aqui para os rapazes mais novos. De facto, o rapaz diverte-se tanto empregando material reduzido, e aprende os princípios que mais tarde pode aplicar no uso de materiais mais pesados. Bom será que não nos limitemos ao número conhecido de modelos de pontes; pode-se animar cada Patrulha/Equipa a inventar uma ponte ligeira, assim aprendendo muitas coisas.

34^o Para os Escuteiros mais velhos deve-se procurar conseguir oportunidades para manejar madeiros pesados. As Expedições/Comunidades das cidades podem acampar em locais onde haja explorações de madeira.

35^o Saberá cada um dos vossos Escuteiros as suas próprias medidas? Sabem quanto mede o seu passo, ou

palmo ou o dedo polegar? Isto torna-se de grande utilidade com frequência.

36º A avaliação de distâncias, alturas, etc., é um trabalho que se deve praticar com regularidade. Terá sido incluído nos nossos programas de forma a que os rapazes obtenham uma certa prática? Pode-se dizer aos Guias de Patrulha/Equipa para praticarem com os seus rapazes neste assunto.

37º A sugestão agora é que cada Chefe faça uma lista das ideias apresentadas nesta "palestra" que a mostre aos Guias de Patrulha/Equipa e todos juntos a analisem para ver até que ponto a Expedição/Comunidade se tem interessado por estes trabalhos de pioneirismo. Depressa serão eles a sugerir modos e meios de preencher lacunas nas actividades da vossa Expedição/Comunidade.



38º Esta palestra requer poucos comentários, pois o campismo tomou tão grande lugar no Escutismo, que é impossível separar um do outro. Embora se tenham escrito muitos e óptimos livros sobre o assunto, não é fácil encontrar melhor introdução que a apresentada aqui. Como em muito do que B.P. escreveu não se desce a pormenores; estabeleceram-se os princípios gerais e fundamentais – o resto será o trabalho de cada um. Para tudo a medida está nas palavras "saber olhar por si e conseguir comodidade". Se as

tomarmos como um Guia, estaremos no bom caminho; não devemos rodear os nossos Escuteiros como uma galinha rodeia os seus pintainhos.

39º Um segundo princípio, aliás importante, é-nos dado nas palavras "Nos acampamentos de Escuteiros as tendas não ficam alinhadas... mas estão dispersas por Patrulhas/Equipas". É de esperar que esta ideia se tenha generalizado, actualmente, a todos os Chefes, mas havemos de concordar que tem levado o seu tempo a conseguir-se.

40º O parágrafo sobre "Fogos de Conselho" deve ser bem analisado. Mais uma vez se realça a importância de cada Escuteiro ter uma tarefa definida o que cada Patrulha, à sua vez, se encarregue do seu programa.

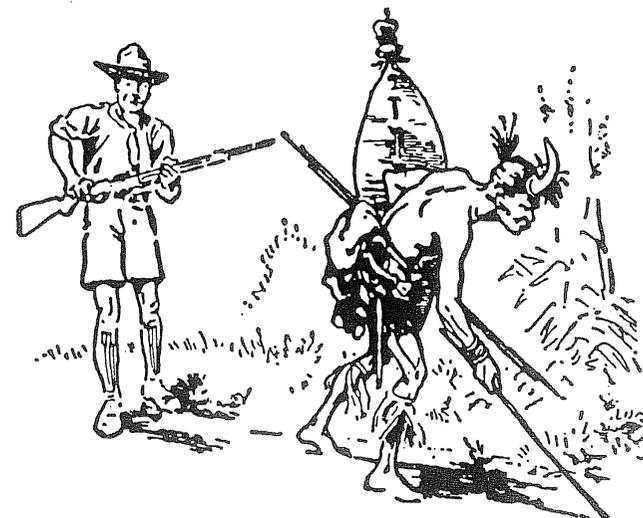


41º Repare-se na frase logo ao princípio: "Sem utilizar os utensílios usuais". Porquê? Duas razões: a aventura de cada um ser entregue ao seu espírito de iniciativa; ensinar a fazer muito com pouco. Há quem se não dispense de comprar todas as novidades de material culinário, que serão muito engenhosas, mas tiram aos Escuteiros uma prática importante de simplicidade.

Os preços elevados e outras dificuldades, por vezes, são benéficas para o Escutismo, porque nos obrigam a recorrer a equi-

pamento simples – e não somente para cozinhar. Eis algumas palavras tiradas da história de um dos primeiros Grupos de Escuteiros:

- “Não há dúvida que, quando os rapazes têm que trabalhar para conseguir as coisas e vencer dificuldades e faltas, consegue-se fazê-los chegar a ótimos resultados. O espírito que prevaleceu mais tarde, quando as finanças não eram um problema e não havia tão grandes necessidades, era o de faltar nos rapazes um interesse profundo, que era característico nos primeiros Escuteiros do Grupo.”



SEGUIMENTO DE PISTAS

Este capítulo foi a parte do “Escutismo para Rapazes” que B.P. escreveu primeiro; parece que o Fundador gostava de escrever extensamente sobre este assunto que conhecia profundamente. No manuscrito original incluía longas passagens extraídas de três livros¹, como exemplos de observações; porém, elas não foram incluídas quando o livro foi impresso, certamente por limitações de espaço.



¹ Os livros são: “The Pathfinder” (O Guia) e “The Deerslayer”, ambos de Fenimore Cooper e “Vicente de Bragalone” de Dumas.

42º O Chefe deve procurar lembrar-se de tantos casos quantos possa, em que tenha sido valiosa uma certa observação e dedução. Em livros de aventuras e, especialmente, em contos policiais, podem-se encontrar numerosos exemplos. Notícias de jornais também os oferecem, uma vez por outra. Quase toda esta palestra é feita de pequenas histórias – ora isto é uma sugestão quanto à melhor forma de levar o Escuteiro a exercitar-se na observação por sua própria iniciativa.

43º Facilmente se cai no perigo de nos satisfazermos com que os Escuteiros apenas atinjam o nível de conhecimentos básicos exigido, como por exemplo no Jogo de Kim: quando um rapaz se recorde de 16 objectivos em 24, continuaremos a exercitá-lo até que consiga recordar os 24? Nesta arte fundamental do verdadeiro Escuteiro – utilizar os olhos e a cabeça – há necessidade de uma prática e estímulo constantes. Tem a vantagem de ser uma actividade que se pode praticar tanto em casa como ao ar livre e assim é aproveitável quer esteja bom tempo, ou mau tempo, mesmo nas tardes húmidas e escuras. Quase todas as espécies de actividades, como representar, se podem ligar com o adestramento da observação. É também necessária uma prática que seja progressiva; antes de tudo, não se esqueçam os Aspirantes a Escuteiros, que por isso precisam de ter sempre oportunidade de praticar algum jogo ao nível das suas possibilidades.

44º No fim da palestra encontra-se uma boa colecção de sugestões para actividades. Com os Guias analise-se cada uma e tome-se o compromisso de experimentar todas essas sugestões. Certamente outras variantes ocorrerão a cada um dos Guias logo que eles estejam senhores do assunto e assim novas actividades aparecerão.

45º Quando B.P. escreveu esta palestra de bivaque, os contos de Sherlock Holmes estavam no auge da po-

pularidade. Contudo ainda podem oferecer muitos exemplos de rigorosa observação e encontrar-se nos seus episódios temas para improvisadamente se representarem nas reuniões de Expedição/Comunidade.



46º Baden-Powell escreveu no seu livro "Aids to Scouting": "Existe muito pouca coisa que possa ser ensinada por meio de regras, etc., no seguimento de pistas, mas há uma quantidade delas para serem aprendidas com a prática individual". É difícil conseguir levar um rapaz a aprender e praticar por si, sem que primeiro tenhamos conseguido que crie interesse pelo assunto. Podem no entanto, despertar esse interesse pelo assunto. Podem no entanto, despertar esse interesse os melhores Guias de Patrulha/Equipa, por meio de frequentes exercícios se seguir pistas com a sua Patrulha/Equipa. É preciso, porém, que o Guia se não concentre sobre este assunto apenas por um pequeno período de tempo, mas torne a sua prática um elemento normal das actividades da Patrulha/Equipa. Certamente que o Chefe terá necessidade de encorajar tal actividade, pois que a tendência é para fazer tudo de uma vez e depois não voltar a tocar no assunto durante um longo período – assim se perdendo a experiência ganha e tornando necessário começar de novo, cada vez que se volta a tocar no assunto.

47º É indispensável conseguir um local para se fazer o estudo de pegadas, como por exemplo um espaço de 3x6 metros de terra bem revolvida, ou uma caixa de areia fina, de dimensões semelhantes. Isto pode-se preparar num canto dum quintal ou cerca, ou até na beirada de um campo ou monte. Alisa-se o terreno ou areia com um ancinho ou um rodo, passando-se depois por cima para marcar a pista que se pretende analisar. Trata-se de uma preparação indispensável, valiosa e interessante para o verdadeiro trabalho de seguir pistas. Eis aqui um trecho do mesmo livro "Aids to Scouting", que segue um plano progressivo de treino (por "cavalo" talvez tenhamos necessidade e entender "cão"): "Façam-se, ao lado umas das outras, pistas de um cavalo a passo, a trote e a galope e também de um homem passeando e correndo. Aprenda-se a conhecer o seu aspecto. No dia seguinte fazer pistas semelhantes ao lado das primeiras e depois notar as alterações que vinte e quatro horas de diferença produzem. Faça-se outra pista, seis horas mais tarde, e analisem-se as diferenças entre estas e as seis horas antes e de trinta horas, e faça-se ainda a comparação com pistas de três horas. Algumas pegadas deverão ser protegidas do sol e do vento, para que se possam comparar com as que estiverem ao sol e vento e verificar assim como aquelas parecem frescas, comparadas com as outras. Depois, façam-se algumas pistas em terreno vulgar para se notarem as diferenças".

Repare-se bem na última frase.

48º No fim desta palestra encontra-se várias sugestões para exercícios e jogos. Quantos temos feito nestes últimos meses? Aqui está abundante material para o Chefe com os Guias de Patrulha, com um pouco de habilidade, organizarem novos exercícios e provas, assim como competições e jogos. Alguns podem ter lugar na sede, quando não for possível sair para o ar livre.



49º As primeiras frases desta palestra são muito importantes. Esquece-se por vezes que o Escutismo é um estimulante da inteligência. A observação não é um fim em si mesma; é o princípio de uma instrução, sendo a restante metade dedução – por outras palavras, utilizar a cabeça de uma forma científica. De facto, foi este elemento que atraiu atenção de muitos professores para o "Aids to Scouting", e assim fez despertar na mente de Baden-Powell a ideia de adaptar aquele pequeno livro (que era destinado à preparação de soldados) à formação de rapazes. Se nós não pomos em prática todo o processo – observação mais dedução – não estaremos a tirar todo o partido da instrução que B.P. desejava que os rapazes tivessem. Habitando os rapazes a fundamentarem as suas opiniões em factos cuidadosamente observados, dá-se-lhes os elementos do método científico, preparando-os para resistir à acção dos suggestionadores de multidões. Pode parecer que seja pedir muito e é curioso notar que muitos Chefes não consideram suficientemente esta possibilidade. B.P. sabia que os rapazes devem principiar com os factos que encontram dentro do seu próprio mundo; deixemo-los aprender a lidar com eles de forma inteligente e mais tarde empregarão os seus miolos para trabalhos de maior vulto.

50º Os exemplos de dedução que B.P. narra nesta palestra são sugestivos, e quando os contamos aos rapa-

zes, ou eles os lêem, poderão pensar que circunstâncias tão excepcionais não terão probabilidade de surgir no seu caminho. No entanto, devemos mostrar-lhes como poderão encontrar todos os dias casos parecidos, embora menos espetaculares. Apontamos aqui um, como exemplo, apresentado por B.P., nos "Aids to Scouting", tirado da vida anormal, ocorrido certa manhã, que mostra como se pode raciocinar (isto é Observação mais Dedução) em qualquer dia, num local civilizado.

"Terreno: uma estrada bastante movimentada, na Índia, numa estância de altitude – seco – pedras soltas, cascalho e areia.

"Atmosfera: Clara e seca, sem vento.

"Horas: 6 da manhã, às 8 da manhã.

"Sinais: marcas frescas de rodados. (frescas porque os sinais estavam nitidamente marcados por arestas finas na areia; também por passarem por cima de outros rodados. Querirão significar que esta manhã passou um rickshaw (carro de mão para transporte de passageiros, usado no Oriente) – não se usam outros carros nesta região).

"Segue em frente (porque há pegadas de pés descalços, alguns calçados e outros sobre as marcas dos rodados, mas sempre ao longo destes, o que significa que dois homens na frente puxavam e dois outros atrás puxavam e dois outros atrás empurravam. Se caminhassem independentemente escolheriam a parte da estrada mais batida e lisa).

"Os homens seguiam a passo (porque a impressão deixada pela parte da frente do pé nu é mais profunda que a deixada pelo calcanhar, e o comprimento do passo não é suficiente para corrida).

"Um dos homens estava calçado, os restantes três iam descalços.

"Uma das rodas estava um pouco desapertada.

"DEDUÇÃO: A pista era de um rickshaw que levava um inválido de condição relativamente humilde. Isto porque seguia a passo vagaroso um caminho mais ou menos circular que não levava a parte nenhuma em especial (já tinha passado pelo cemitério e pela única casa ao longo desta estrada), a uma hora matutina, estando o rickshaw em mau estado e os homens diferentemente vestidos.

" Nota: Mostrou-se que tal conclusão era exacta, pois que voltando do passei descobri o mesmo rasto (isto é a roda desapertado e o homem calçado) em outra rua. Depressa os ultrapassei e vi que era uma senhora de idade, inválida, conduzida num rickshaw da praça."

Nada encontramos aqui de extraordinário ou sensacional, mas sim um bom exemplo do que qualquer estrada nos pode fornecer – se tivermos os olhos bem abertos – para a prática de observação e dedução.

51^o O melhor comentário a estas três palestras do capítulo é o livro da série Gilcraft "Training in Tracking".



HISTÓRIA NATURAL

52^o Estas três palestras, que constituem o capítulo, são um exemplo de como é exacto que o Escutismo não é uma actividade que possa ser praticada por grandes efectivos ao mesmo tempo. Não é possível fazer "aproximações" nem observar animais, num grupo numeroso. Por isso, aqui se revela, uma vez mais, o valor da Patrulha/Equipa como a nossa unidade de acção. Algumas destas actividades, de facto, apenas podem praticar-se isoladamente ou com um companheiro, se pretendermos obter resultados satisfatórios. Porém, tal reduzida proporção pode adquirir, enquanto Escuteiros, um grande interesse pelo estudo da natureza em um ou mais dos seus variados aspectos; esse estudo tem de ser feito isoladamente, mas pode, e tem acontecido que se torna uma ocupação para toda a vida. Mas da maioria dos nossos Escuteiros não podemos esperar mais que:

- a) Participem da distracção da "aproximação" e dos movimentos disciplinados que ela exige;
- b) Adquiram o gosto da permanência no campo e nas montanhas; e
- c) Obtenham um conhecimento geral dos animais, pássaros e plantas e assim o gosto por eles.



53^o A melhor forma de aprender a fazer a aproximação são os jogos – os "Grandes Jogos" como se costumam chamar. O Assalto às Bandeiras pode-se tomar como o tipo; é o género de jogo que os próprios rapazes inventam com nomes diferentes – pode ser Polícias contra Ladrões, etc. Mas os rapazes pouco aprenderão a não ser que o Chefe (como observador ou árbitro) depois (não durante o jogo) lhes diga como achou fraca a "aproximação" que observou, ou dirija algumas palavras a um Escuteiro que revelou ter necessidade de alguns conselhos. Os jogos que usamos, são jogos mais desenvolvimento de habilidade; um jogo, só por si, pode ser muito apaixonante, mas seria uma pena que não tirássemos todas as possibilidades que encerra de melhorar o exercício do Escutismo.

54^o No fim da descrição do Assalto às Bandeiras está uma indicação essencial. "É importante que o mais pequeno dos Escuteiros tenha tantas facilidades como o mais

forte". B.P. não gostaria de ver acabadas as competições com derrotas, porque elas revelam que os Escuteiros que precisam de mais prática, é que obtêm menos. Assim, acontece o mesmo com os nossos Grandes Jogos; depois de um Escuteiro perder a sua "vida" deve ter possibilidades de obter outra; perde pontos, é certo, para o seu lado ou Patrulha/Equipa mas não deve perder também a prática necessária para desenvolver a sua capacidade.

55º Numa reunião de Guias levemo-los a analisar cuidadosamente esta palestra e organizar exercícios para os seus respectivos Escuteiros. A "isca" será que no próximo Grande Jogo terão mais vantagens e probabilidades de ganhar.



56º Podemos fazer considerações a estas duas palestras em conjunto, porque estão em jogo os mesmos princípios. Muitas Associações de Escuteiros, presentemente, contemplam nas etapas de progresso o conhecimento da natureza, o que é muito útil e lógico, tendo-se já mostrado que os resultados obtidos são animadores. Verifica-se, por vezes, que os Escuteiros não se dão por satisfeitos apenas com o conhecimento exigido, por exemplo, nas especialidades.

57º Repare-se na sugestão de B.P., para que se ponham aos rapazes determinados problemas para os quais devem encontrar solução: encontrar a solução representa ob-

servação de facto. É assim que B.P. faz, por exemplo, algumas perguntas sobre os coelhos selvagens. Nem todos os Escuteiros têm a paciência necessária para este género de investigação científica (porque em pequena escala é-o realmente e é um bom início), mas os Chefes devem-lhes oferecer mais oportunidades do que realmente oferecem.

58º A forma mais fácil de principiar, é pelas árvores – estas estão fixas e não fogem como os animais bravios. É de resto uma matéria que se pode observar mesmo nas cidades não havendo por isso desculpa para negligência no conhecimento da História Natural, sejam quais forem as circunstâncias da nossa Expedição/Comunidade.

59º Bom estímulo é uma competição entre Patrulhas/Equipas para organizar colecções – exemplos: folhas, variedades de madeira, etc. Deve-se procurar criar interesse por um "Caderno de Notas de História Natural da Patrulha/Equipa" fazendo-o incluir nos concursos entre Patrulhas/Equipas.

60º Aqui entra em acção o sexto Artigo da Lei – "O Escuteiro protege as plantas e os animais". Não se trata de despertar um sentimento passivo ou piegas, mas sim, como toda a lei, provocar uma acção. Um exemplo claro é alimentar pássaros no Inverno, especialmente nas cidades, mas dúzias de outras iniciativas para pôr em prática esta Lei, depressa surgem no espírito dos rapazes. Isto oferece um assunto para uma pequena palestra numa reunião de Expedição/Comunidade.

61º Há muitas histórias de aventuras acerca de animais para contar aos Escuteiros. Contudo, devem-se evitar aquelas em que entram animais pensando e agindo como pessoas humanas; alguns escritores de ficção exageram e contribuem para criar nos rapazes noções erradas.



A RESISTÊNCIA DO ESCUTEIRO

PALESTRA DE
BIVAQUE Nº 17
COMO SE CONSEGUE
SER FORTE

62º É muito importante que logo de início se veja correctamente qual é o ponto de vista de B.P. Por “resistência” não tinha ele em vista desenvolver músculos volumosos ou fazer um “homem de forças” com o aspecto de um “levanta-pesos de circo”. Convém ler cuidadosamente o pequeno pa-

rágrafo sobre o “processo errado de cultivar a resistência, para se ver qual era a sua ideia.

63º No manuscrito original do livro, B.P. fazia uma longa transcrição da sua história que conta sobre F.C. Selous: alguém que tenha a curiosidade de conhecer a história detalhadamente, poderá procurá-la no livro de F.C. Selous, “Travel and Adventure in South – East Africa”. Este livro contém matéria de boas palestras para os Escuteiros.

64º Noutro lugar, B.P. explicava que nós devemos animar cada Escuteiro a “ser individualmente responsável pela sua própria saúde e cuidar do seu desenvolvimento físico por meio de exercícios e práticas realizados sob iniciativa pessoal e nos momentos livres”. O interesse está na “iniciativa pessoal” – a saúde não é coisa que se deixe ao cuidado dos outros; é uma coisa que cada um pode conseguir por si, por meio de auto-disciplina. Tudo isto é completado pelos exercícios naturais ao ar livre, que todos os Escuteiros realizavam através das actividades normais.

65º Será que faremos o necessário acerca destes seis exercícios? Saberão os nossos Escuteiros fazê-los? Fá-lo-ão na verdade cada manhã? Sobre isto converse o Chefe com os seus Guias de Patrulha/Equipa. De surpresa, faça, um dia, um concurso entre Patrulhas/Equipas para ver qual delas faz melhor os exercícios. Isto mostrará quem são os Escuteiros habituados a praticá-los.

66º Têm sido elaborados muitos planos de exercícios físicos, mas estes poucos que B.P. oferece, são seguros para o rapaz, porque não contêm risco de esforços excessivos. Há muitos outros exercícios, mas que precisam de ser feitos sob a orientação de monitores de ginástica, para se adaptarem à capacidade física de cada rapaz. Os nossos “seis” são seguros para o Escuteiro e para o Chefe.

67º Repare-se como B.P. frisou a importância de se saber o que nós estamos a fazer em cada exercício e como combinou alguns com pensamentos em Deus. Esta aliança do espiritual e do físico é uma ideia saudável, que tem ganho terreno nos tempos recentes – mas B.P. já ensinava isto há perto de 50 anos!

68º A passagem sobre “trepar” é importante. Uma corda pendurada numa árvore, no campo, ou de uma trave na rede do Grupo, depressa atrairá os Escuteiros a utilizá-la – não haverá necessidade de os aconselhar. Existe uma na vossa sede?

69º O mesmo diremos do dispositivo de trepar. Fazer um é um bom trabalho de pioneiro; deixe-se montado e depressa os Escuteiros se meterão nele a fazer voltas como macacos. Tudo isto não é mais que a velha ideia de proporcionar meios para que os rapazes possam fazer coisas; não são necessárias lições.

70º As Expedições/Comunidades que estiverem próximos de locais apropriados, não deixarão de se dedicar a passeios nos montes, escaladas de penedos, e, se puderem dispor de um perito, os Escuteiros mais velhos receberão instrução elementar de “alpinismo”.

71º A última parte desta palestra trata da higiene pessoal. Naturalmente somos inclinados a crer que nestes tempos esclarecidos (?) estas coisas são ensinadas a todos os rapazes; contudo, de quando em quando, tempos a surpresa de descobrir que alguns não sabem, por exemplo, cuidar dos dentes ou como respirar. O acampamento oferece a oportunidade ideal para notar estas coisas, especialmente quando se faz a inspeção diária, altura em que se podem fazer perguntas. Também é boa coisa, observa os Escuteiros na altura em que fazem as suas abluções, para o que é bom levantar instâncias

lações apropriadas.

72º Devemos utilizar os jogos para desenvolver força: a maior parte destes não se adaptam a Patrulhas/Equipas, mas a pares de Escuteiros, que devem ser aproximadamente do mesmo tamanho. “A Luta” pratica-se desde os dias do acampamento experimental na Ilha de Brownsea.



73º Esta palestra será melhor compreendida, lendo-se nas reuniões de Patrulha. Cada Patrulha/Equipa lerá a palestra, ou parte dela e discute-a depois. Naturalmente, antes disso será lida e também discutida, numa reunião de Guias.

74º B.P. sempre se recusou a decretar regras proibindo o fumo, bebidas alcoólicas, etc. Sabia ele muito bem que as “proibições” provocam um desafio e sugerem ideias que de outro modo nem sequer aparecem. Ele mesmo não era fumador. Deixou de fumar quando jovem oficial, por economia. Mais tarde, quando já poderia com a despesa do tabaco, não o fez porque isso iria afectar o sentido do olfacto – e este era-lhe necessário para os seus trabalhos de exploração. Nestas coisas o seu ideal era que houvesse – pela compreensão dos problemas – auto-disciplina e moderação.

75º No manuscrito original do “Escutismo para Rapazes” tratava-se, numa secção, de “continência”; mas

o assunto foi retirado do livro impresso, possivelmente por se julgar que – há mais de 50 anos – seria demasiado ousado. Como Escuteiros temos primeiro a nossa Promessa e a nossa Lei – “Deveres para com Deus”, e “O Escuteiro é Puro”. As responsabilidades sobre o assunto pertencem fundamentalmente aos pais; se eles não aceitam esta responsabilidade (muitos hesitam fazê-lo por motivos compreensíveis), então alguém, deve encarar o dever de explicar este aspecto de pureza do Escuteiro. Um sacerdote pode ser a pessoa indicada, ou até um médico; o Chefe não deve meter-se em tal, salvo casos especiais e depois de consultar os pais e estando convenientemente preparado. É um assunto para se tratar individualmente, é claro, e não em instrução da Expedição/Comunidade ou da Patrulha/Equipa.



76º O que aqui se deve ter em conta é “evitar”. Desde que este livro foi escrito, tem-se feito muito para incutir às crianças nas escolas, e ao público, em geral, hábitos da vida saudáveis. Devemos admitir que os nossos Escuteiros conhecem já essas coisas. Está fora de propósito fazer preleções, mas devemos aproveitar as oportunidades que surgem para ministrar as noções convenientes – pode ser no campo, quando algum se mostre desconhecedor. O cuidado de observar, da parte dos Chefes, oferecerá muitas ocasiões para uma palavra de instrução no momento adequado. Não se esqueça

o efeito todo-poderoso do exemplo dos Chefes.

77º A secção sobre “Evoluções e Formações do Grupo” é importante. Quantas vezes tem sido mal interpretada a atitude do Fundador para com as evoluções. Ele não as considerava como uma parte normal do Escutismo. Preferia confiar na responsabilidade individual para uma boa apresentação e um bom porte. Pode-se dar importância justamente a isto nas inspecções de Patrulha/Equipa, durante as reuniões ds Expedição/Comunidade e nos acampamentos. Por outro lado não descurou a necessidade de garantir que um grupo de Escuteiros se possa deslocar de um modo ordenado e assim dá simples instruções para “Sentido”, “Descansar”, “Ordinário Marche”, “Acelerado”, “Passo de Escuteiro” (quando é que os nossos Escuteiros o praticaram pela última vez?), “Direita Volver”, etc. Seguem-se depois as formações necessárias para movimento e jogos, que são ordenadas por sinais. Este mínimo de ordens pode-se aprender rapidamente e não há necessidade de muitas evoluções. B.P. preferia que os Escuteiros se deslocassem por Patrulhas/Equipas, de modo que não obstruam as vias, em vez de por Expedições/Comunidades. O grande objectivo é estabelecer que todas as ordens sejam cumpridas em silêncio e imediatamente; desde que uma Expedição/Comunidade obtenha este hábito não haverá mais por que se preocupar. O nível de apresentação no modo de vestir, assim como de obedecer ordens, dependerá muito dos Guias de Patrulha/Equipa, que por sua vez terão os seus olhos nos Chefes.



FIDALGUIA DOS CAVALEIROS



PALESTRA DE
BIVAQUE Nº 20
CAVALHEIRISMOS
PARA COM OS OUTROS

78º São largas as possibilidades no Escutismo, para se utilizar o romance da cavalaria medieval. É bem verdade que a cavalaria nunca foi o que muitas pessoas pensam dela, e é fácil dar uma ideia que tem pouca relação com os factos. Mas existe um ideal de cavalaria e as histórias lendárias dos cavaleiros podem servir como parábolas para ensinar este ideal. Talvez de melhores resultados com rapazes, é contar histórias de homens e mulheres que cometeram actos nobres e levaram admiráveis vidas de devoção para com o próximo. To-

dos os países possuem muitos destes heróis e por isso os Chefes podem não limitar os seus contos aos nacionais; de facto, podemos fazer um pouco mais do que o usual ao contar aos Escuteiros exemplos de heróis de outros países. Isto ajudará a melhor compreender outros povos, o que é uma parte do nosso trabalho.

79º O grande problema é conseguir que os Escuteiros compreendam que a cavalaria não é apenas uma coisa que diz respeito aos heróis de antanho, mas é um assunto para cada Escuteiro na sua vida diária – a Boa Acção é a aplicação prática desta ideia.

80º Note-se a ênfase que B.P. põe na cortesia e delicadeza que um Escuteiro deve demonstrar com outros. É importante conseguir que os rapazes compreendam que o seu comportamento usual, de cada dia, é a prova de que são ou não são, verdadeiros Escuteiros. Não deve haver uma forma de comportamento quando se veste o uniforme e outra à “paisana”. Repare-se como os Escuteiros se comportam uns com os outros nas reuniões e em outras ocasiões; repare-se também na sua conduta em casa, quando o Chefe visita os pais.



PALESTRA DE
BIVAQUE Nº 21
AUTO-DISCIPLINA

81º Eis uma ideia que é difícil fazer entrar na cabeça do rapaz, especialmente nos dias actuais em que o estado cada vez faz mais pelos seus cidadãos. Ainda uma vez B.P.

utiliza o seu método favorito: dá algumas histórias relativas àqueles que eram capazes de se controlar e que muito deliberadamente procuravam ser bem equilibrados nos pensamentos, palavras e acções. O processo será pô-la em prática nos nossos jogos e concursos. Por isso, os Chefes devem observar cuidadosamente durante as reuniões e acampamentos, para descobrir se há Escuteiros que perdem a cabeça quando são vencidos, ou são demasiado importantes ou "bazófiás". Esta é uma das grandes utilidades dos jogos de equipa e competições ou concursos – ensinam o rapaz a comandar os seus sentimentos e a ser leal para com os outros.

82º Boa disposição é uma das marcas do Escuteiro, mas não se deve tratar de uma expansão artificial, que é tão discutível por outros. Há horas para se estar sério – durante as instruções por exemplo – e há também horas para real expansão de alegria. Tomar as coisas a sério não quer dizer que seja triste.

83º Comete-se algumas vezes o erro de partir do princípio de que um rapaz quando se faz Escuteiro automaticamente se torna perfeito! O fim do Movimento Escutista é ensinar os rapazes a tornarem-se melhores no seu carácter por meio de actividades, como membros de uma pequena comunidade. Temos por isso de nos munir de muita paciência; de pouco servem aflições quando um noviço comete um erro; a culpa pode não ser sua – pode acontecer que nunca ninguém lhe tenha mostrado que se deve proceder de outro modo – mas sim do seu Guia de Patrulha/Equipa ou de nós mesmos. É desanimador que por vezes um Escuteiro deixe ficar mal ou comprometa o nível de conduta ou de eficiência do Grupo, mas não é caso para nos surpreendermos; afinal de contas ele é um Escuteiro, para melhorar. Se alguém encontrar uma Expedição/Comunidade "perfeita" pode imaginar que tal se tenha conseguido pela eliminação dos rapazes imperfeitos,

mas a verdade é que foram eliminados os normais susceptíveis de aperfeiçoamento! Em tais casos a sentença poderá ser "muito bom para ser verdadeiro".



84º Uma vez mais é o aproveitamento pessoal que dá a nota – não se trata de esperar que venha alguém fazer as coisas por nós, mas sim de aguentarmos nós com o trabalho. A palestra começa pelos deveres para com Deus; repare-se na insistência de B.P. em introduzir a religião na vida diária: "ao ver partir um comboio, peçamos a Deus por todos os que nele viajam". A religião não é um compartimento isolado na nossa vida – qualquer coisa separada das acções usuais e do dia-a-dia – mas antes precisa de informar toda a vida. Baden-Powell desejava ansiosamente que os Escuteiros compreendessem isto.

85º Um Grupo pode fazer muito para que se desenvolva a ideia de economia. O cuidado necessário com o equipamento é um exemplo; vejamos: as tendas foram convenientemente guardadas depois do último acampamento e examinadas para certificar o seu estado e proceder-se a reparações se necessárias? Coisas como as cordas ou bandeirolas de sinalagem são convenientemente arrumadas depois de utilizadas? Ao tratar-se do "artigo nono da Lei" somos inclinados a falar demasiado em dinheiro; é muito importante que sai-

bamos mostrar aos Escuteiros que também é possível economizar com o tempo, com os nossos talentos e com os nossos bens.

86^o Arranjar dinheiro para a Expedição/Comunidade é um excelente exercício para o aperfeiçoamento pessoal e de verdadeira economia. Isto tem sido um princípio do Escutismo desde os primeiros dias. Fazendo trabalhos menos usuais, produzindo coisas úteis, representando e por muitos outros meios podem-se conseguir os fundos necessários ao mesmo tempo que os Escuteiros estão a receber um ensino útil. Procure-se evitar todos métodos de conseguir dinheiro que não exijam um esforço por parte dos rapazes; os Escuteiros não devem aceitar qualquer coisa em troca de nada; nem empregam qualquer método que explore a boa vontade das pessoas.

87^o Os Chefes estão numa excelente posição para auxiliar os seus rapazes a escolher uma carreira para a sua vida; as nossas insígnias, assim como as actividades normais, fornecem muitas indicações sobre as actividades do rapaz – quando, muitas vezes, não são revelados nos cursos escolares ordinários. Se os Chefes estão em bom contacto com os pais, podem conversar sobre estas coisas sem aparentarem impertinência. Por isso uma vez mais se mostra a necessidade de observar os nossos Escuteiros e estudar o seu carácter e as suas capacidades – provavelmente esta é a parte mais importante do trabalho de um Chefe.



SALVAMENTOS



88^o Teremos a certeza de que os nossos Escuteiros compreendem porque devem aprender socorros e outras formas de prestar auxílio prático? Isto apresenta outra faceta da dívida "Alerta" – para sermos úteis em ocasiões de acidentes precisamos de saber por experiência prática o que é necessário fazer-se. Se uma pessoa cai à água, não é de grande utilidade ter compaixão dela – devemos ser capazes de a

auxiliar, e isso apenas sucederá se estivermos preparados de forma prática.

89º É útil tomar nota de quaisquer reportagens de jornais que forneçam exemplos de desembaraço e calma em acidentes; estes assuntos formam motivo para boas palestras de fim de reunião.

90º Vale a pena tomar em boa conta a sugestão que B.P. nos faz para que utilizemos a nossa imaginação. "O que faria eu se isto ou aquilo acontecesse?". Isto é uma forma de preparação mental que é precisamente tão útil como o exercício de ligaduras, etc.



91º Não é fácil conseguir que os Escuteiros compreendam que tratar de um acidente não é sempre uma questão de fazer alguma coisa à vítima, imediatamente; é preciso avisar as pessoas competentes (o médico, os bombeiros, etc.); deve-se-lhes enviar mensagens que mostrem de utilidade – como fazê-los, eis um assunto de interesse para os nossos exercícios de prática de mensagens. O assunto é bem tratado na secção que se refere às medidas a tomar em caso de incêndio num prédio.

92º Vêm agora os nós; refere-se por exemplo ao lais de guia como útil para retirar uma pessoa de um quar-

to. Devemo-nos certificar de que os Escuteiros são capazes de fazer o lais de guia ou o nó de salvação em todas as situações – por exemplo, em volta do corpo quando a outra ponta está fixa. Que outros empregos podemos encontrar para o nó de salvação?

93º Faremos suficientes exercícios de lançar um cabo? Se é que fazemos este exercício, é possível que utilizemos uma corda escolhida e conveniente para o fim; mas é igualmente importante ser-se capaz de lançar qualquer ponta de corda que esteja à mão, porque não é costume trazermos sempre cabos connosco. Por isso pratique-se com toda a espécie de cordas.

94º Quando os Escuteiros tratam de um caso de acidente representado, repare-se nos Escuteiros que se embaraçam e perdem a cabeça; são estes que necessitam de mais exercício prático. Salvar é mais uma questão de manter o sangue frio e ser capaz de pensar rapidamente, que de técnica. É preciso dar tanta atenção à auto-disciplina como a qualquer outro ponto numa competição ou demonstração.

95º Porventura em alguns casos daremos demasiada atenção aos exercícios de Patrulha/Equipa em socorros e salvamentos. É mais natural que seja o Escuteiro isolado ou apenas acompanhado de outro a ter de enfrentar um acidente, que uma Patrulha/Equipa inteira; por isso pratique-se individualmente e aos pares, assim como por Patrulhas/Equipas.

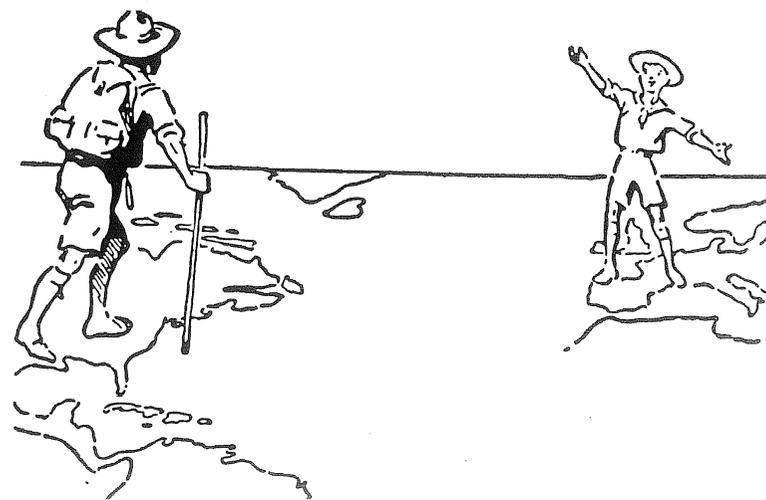


96º É importante que a instrução de socorros numa Expedição/Comunidade seja de boa qualidade. Os Chefes devem utilizar um programa de instrução aprovado oficialmente, como por exemplo, o da Cruz Vermelha, para que estejam seguros de que dão uma sólida instrução. Modificação, é claro, o que seja exigido pela idade dos seus Escuteiros.

97º As circunstâncias dos acidentes imaginados para prática de auxílio ao próximo e outros devem mudar de tempos a tempos. Ponham-se circunstâncias como estas – “Tu estás num campo, certa de um quilómetro afastado de qualquer casa, fora da vista de algum caminho principal. Ao tratar dos acidentes nesta reunião imagina-te nestas condições”. Ou – “Tu estás à beira-mar, com altas falésias limitando a sua praia e que não se podem subir. A situação é esta no próximo acidente”.

98º Pratique-se mais vezes a construção de macas improvisadas. B.P. sugere quatro ideias – quantas mais pode cada Patrulha/Equipa sugerir?

99º Pode-se fazer um bom assunto para cinco minutos de reunião organizando uma série de perguntas com matérias desta palestra.



OS NOSSOS DEVERES DE CIDADÃO

100º Toda a acção escutista dirige-se para este fim; e um Escuteiro que tenha sido bem e realmente instruído segundo os princípios de B.P. mostrar-se-á um bom cidadão quase automaticamente. Mas, além do mais, os vossos Escuteiros, especialmente os mais novos, conhecem alguma coisa sobre os Escuteiros de outras nações? Corresponde-se algum com outros de fora do país? Estará a Expedição/Comunidade ligada com outra de fora? Mostraremos aos nossos rapazes gravuras e fotografias de Escuteiros de outros países? É preciso lembrarmo-nos de que eles não conhecerão estes aspectos do Escutismo a não ser que alguém lhes fale deles!

Esperamos que esta centena de comentários ao Escutismo para Rapazes tenha proporcionado aos leitores novas ideias e novos pontos de vista e que sejam guardados como uma fonte de ideias para programas. O livro não se pode esgotar; cada nova leitura mostrará alguma coisa nova e fornecerá um estímulo. Assim – porque não o lê já outra vez?

E. E. Reynolds



ESCUTISMO PARA RAPAZES DE B.P.
QUINA VIVA (JULHO 1954)

Todos temos, com maior ou menor frequência, ouvido aludir a este livro do Fundador do Escutismo, mas bem poucos têm podido lê-lo e penetrar a sua sabedoria, pois que uma edição, feita nos primeiros anos do Escutismo em Portugal, há muito se esgotou e desapareceu do mercado, sendo reduzido o número de actuais Chefes ou Escuteiros que o constam entre os seus livros de Escutismo. Somente os que sabendo línguas, como o francês ou o inglês, e que proporcionalmente poucos são, têm tido a possibilidade de descobrir, no estilo inconfundível de B.P., quanto contém o livro escrito para auxiliar os rapazes a formarem-se.

Consideremos o facto notável de que, apesar de terem, sobre a sua primeira edição, rolado mais de 45 anos, este manual continua, para nós, a ser o livro fundamental e aquele que melhor nos pode dizer o que é, e como se põe em prática, o Escutismo.

Muito se tem escrito sobre o nosso Movimento e o que fazem os Escuteiros, mas se alguém nos pedisse um livro que fosse capaz de dar uma ideia exacta do que é o Escutismo não hesitaríamos: procurando na estante, estenderíamos o braço e escolhido o "Escutismo para Rapazes", assim daríamos a conhecer o que é o Escutismo e mais, como mete mãos à obra.

Hoje é já possível este gesto a qualquer pessoa que apenas possa ou queira recorrer ao nosso idioma, pois que acaba de aparecer nova edição e estamos persuadidos que se ela não traz consigo o elixir para todos os males, porventura existentes, traz os meios necessários para que qualquer pessoa, de vontade e iniciativa, proporcione a um grupo de rapazes o Escutismo de B.P.

Foi a leitura deste livro, primeiro publicado em fascículos quinzenais, que prendeu o interesse dos rapazes de há 45 anos, enraizou um movimento novo, e continua ainda a prender os jovens de hoje, como vemos em tantos Grupos, onde os chefes o utilizam afoitamente.

Mas que conterà esse livro prodigioso?

Baden-Powell, logo na edição original, modestamente, chamou-lhe um "manual para instrução de bom civismo" e com narrações, histórias, o resultado da sua experiencia, alguns conselhos ou instruções, repartidos em Fogos de Conselho, traça uma atractiva e progressiva cadeira de actividades para rapazes.

É de esperar que, de agora para o futuro, nenhum Chefe se dispense de o utilizar, nomeadamente os que estão à frente de Expedições/Comunidades. A leitura de cada uma das suas vinte e seis Palestras de Bivaque, agrupadas em onze capítulos fornece os conhecimentos indispensáveis ao Chefe mais inexperiente e ideias quase sem conta ao Chefe de mais limitada imaginação.

Contar aos rapazes as histórias que contém, ler-lhes os numerosos conselhos, aprender com eles os ensinamentos expostos, sempre de forma tão leve e atraente, e pôr em prática os seus numerosos jogos, fornecerá programas para anos à mais activa Expedição/Comunidade.

Tem-se a impressão de que muitas coisas vão, ou podem, agora mudar: em vez de encontrarmos por vezes Grupos paralisados por não se saber nem terem quem lhes diga, o que podem fazer, passaremos a surpreendê-los atarefados a pôr em prática tudo quanto este prodigioso livro ensina. E não serão apenas os Chefes a utilizá-lo. A forma como tudo é exposto tem o condão de interessar qualquer rapaz, desde que saiba ler. Lembro-me de, quando rapaz, ter experimentado, com os companheiros, algumas das suas ideias, que encheram muitos dos melhores dias da nossa juventude, e nunca precisámos que o Chefe nos viesse explicar qualquer coisa, tão claro e convincente sempre achávamos o livro.

É bom e útil, por isso, para o futuro, também pelo menos cada Patrulha/Equipa, e diria mesmo cada Escuteiro, passe a ter o seu exemplar de "Escutismo para Rapazes". A sua leitura ou a realização das suas ideias e projectos, primeiro, criarão a necessidade de encontros e reuniões de Patrulhas/Equipas e, continuando, enchê-las-ão e animarão.

Admitindo que cada "Palestra de Bivaque" daria assunto só para uma reunião, haveria material para 26 reuniões, seguidas mas na prática, verificar-se-á que não é possível realizar tudo o que cada uma das referidas "palestras" sugere, apenas numa. Assim, há necessidade de lhe dedicar mais que uma reunião, seguidas ou alternadas, e daqui resulta já, que facilmente se pode elevar para o dobro (52) o número de reuniões, antes que se chegue ao fim do livro. E se chegássemos com tudo realizado, logo teríamos a tentação de voltar a iniciar a visita a cada uma das Palestras de Bivaque, porventura na companhia

de novos elementos – Aspirantes – que constituirão a fornada com que, cada ano, se deve refrescar o sangue de cada Grupo, quer vindos da Alcateia, quer novos companheiros, fazendo os primeiros passos no Movimento.

Tão rico é este manual do Escutismo que os melhores Chefes encontraram nele sempre assuntos e ideias com a frescura de novidade, quando, como costumam fazer, o lêem uma vez por ano. É tão real a utilidade deste hábito, que são justamente os Chefes de mais actividade e maior êxito que no-lo aconselham, ganhando em cada um que experimenta um adepto da ideia.

E em que altura do ano será oportuno iniciar a sua leitura?

No Inverno sugere-nos ideias para actividades na sede, ocupações próprias da estação e ainda alimenta-nos a imaginação nos planos para as estações seguintes. Na Primavera anima todos a sair para o campo, a experimentar apenas algumas das muitas sugestões, porque entretanto surge-nos o Verão e é o tempo em que os Chefes e os rapazes tirarão proveito da leitura para os "Fins-de-semana", para Passeios e Excursões e certamente para a Grande Aventura do ano – o Acampamento de Verão. Está à porta o Outono com as suas tardes calmas e as folhas em cores de oiro, triste, e – a quem o conhece – logo lembra, este livro mágico, que também para esta quadra tem sugestões revigorantes e animadoras.

Não há pois que, apesar do pálido, embora reforçado, da nossa descrição, ler "isto" que:

- Tem o sabor de um romance mas não é um romance;
- Tem a atracção de um folhetim e é muito mais que isso;
- Tem a profundidade de um tratado e não o é;
- Tem o gosto da poesia e não é um livro de versos;
- Tem o valor de uma enciclopédia e também o não é;

👤 Tem o colorido de um livro de histórias e não é apenas isso!

Mas o que é então?

Apenas um livro único!

O "Escutismo para Rapazes"!

BIBLIOGRAFIA

Texto publicado originalmente na Flor de Lis (edições de Julho de 1954 a Novembro de 1955) e posteriormente coligido no Manual do Dirigente 6 - "Reler o Escutismo para Rapazes" (Junho de 1995).

pedras

Não se colocam pedras sobre os assuntos,
Nem se tratam os assuntos à pedrada;
Apenas se possibilita que cada assunto possa ser uma pedra,
Que se guarda e junta para a construção do castelo.



COLECÇÃO

Pedras

SÉRIE

Pedagogia | 3

TÍTULO

LER O "ESCUTISMO PARA RAPAZES"

AUTOR

E. E. Reynolds, J.P.

Texto publicado originalmente na Flor de Lis (edições de Julho de 1954 a Novembro de 1955) e posteriormente coligido no Manual do Dirigente 6 - "Reler o Escutismo para Rapazes" (Junho de 1995).

EDIÇÃO

Corpo Nacional de Escutas

PAGINAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Luís Santos

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Rua D. Luís I, 34 | 1200-152 Lisboa

Tlf.: 218 427 020

www.cne-escutismo.pt



